



CÂMARA MUNICIPAL DE PAULISTA
PRAÇA CÂNDIDO DE ASSIS QUEIROGA, Nº 30, TÉRREO,
BAIRRO PREFEITO DEROSSE BARBOSA DE ALMEIDA, PAULISTA – PB
CNPJ: 02.311.522/0001-30

MENSAGEM DE ENCAMINHAMENTO Nº 0004/2025

Senhores Vereadores,

Encaminho, para apreciação e deliberação desta Egrégia Câmara Municipal, o Projeto de Lei nº 0004/2025, que dispõe sobre a denominação de via pública neste município, atribuindo-lhe o nome de **Rua Francisco Gomes Sobrinho**, em justa homenagem a este cidadão paulistense que, ao longo de sua vida, contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento social, político e comunitário de Paulista.

Considerando a relevância histórica e social da proposta, submeto o presente Projeto de Lei à apreciação deste Parlamento, certo de que contará com o apoio e aprovação dos nobres pares.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Paulista/PB, 19 de Agosto de 2025.

Francisco Ferreira de França
Presidente da Câmara Municipal de Paulista – PB



**CÂMARA MUNICIPAL DE PAULISTA
PRAÇA CÂNDIDO DE ASSIS QUEIROGA, Nº 30, TÉRREO,
BAIRRO PREFEITO DEROSSE BARBOSA DE ALMEIDA, PAULISTA – PB
CNPJ: 02.311.522/0001-30**

PROJETO DE LEI Nº 0004/2025

DÁ O NOME DE FRANCISCO GOMES SOBRINHO A UMA DAS RUAS DA SEDE DO MUNICÍPIO DE PAULISTA, ESTADO DA PARAÍBA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Art. 1º - Fica denominada, por força desta Lei, de FRANCISCO GOMES SOBRINHO a RUA Projetada 08, localizada no Bairro Cromácio Wanderley, limitando-se a Leste com a propriedade do Sr. João Alves da Silva, a Oeste com o Bairro Cromácio Wanderley; ao Norte, paralelamente com a Rua Airton Dantas de Sousa e, ao Sul, com a Rua Projetada 09.

Art. 2º - Fica o Poder Executivo Municipal na responsabilidade de promover a fixação de placas identificadoras no início, meio e fim da referida RUA, bem como comunicar aos órgãos públicos interessados a fixação do nome respectivo.

Art. 3º - As despesas decorrentes da aplicação desta Lei correrão conta de dotação própria do orçamento municipal.

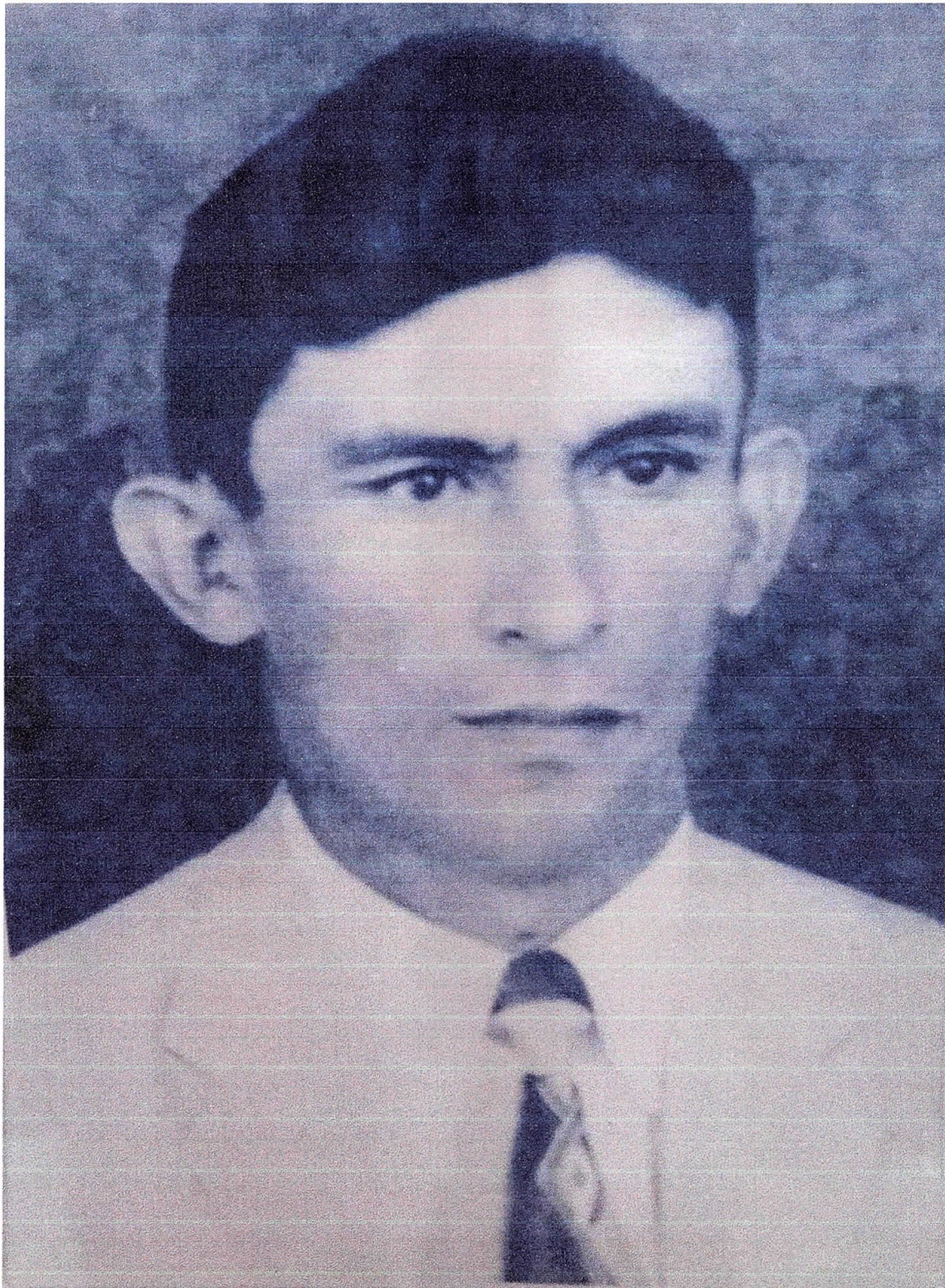
Art. 4º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Plenário da Câmara Municipal de Paulista, Estado da Paraíba, em 19 de agosto de 2025.

VEREADOR FRANCISCO GOMES SOBRINHO: CHICO NÉ



CÂMARA MUNICIPAL DE PAULISTA
PRAÇA CÂNDIDO DE ASSIS QUEIROGA, Nº 30, TÉRREO,
BAIRRO PREFEITO DEROSSE BARBOSA DE ALMEIDA, PAULISTA – PB
CNPJ: 02.311.522/0001-30





CÂMARA MUNICIPAL DE PAULISTA
PRAÇA CÂNDIDO DE ASSIS QUEIROGA, Nº 30, TÉRREO,
BAIRRO PREFEITO DEROSSE BARBOSA DE ALMEIDA, PAULISTA – PB
CNPJ: 02.311.522/0001-30

1962 – 1966 – 1970 – 1976

VICE-PRESIDENTE: 1962-1964

PRESIDENTE: 1973-1974

JUSTIFICATIVA

As palavras são pobres e inverossímeis para retratarem a grandeza de um ser humano de idoneidade ilibada, feito Francisco Gomes Sobrinho, mais conhecido por Chico Né, nascido em 20 de junho de 1922, sendo filho do casal Manoel Gomes de França (Seu Né de França) e Manoela Ferreira de França (Dona Telinha), natural do Sítio Pé da Serra, município de Paulista/PB. Casou-se com sua prima, devota fervorosa de São Benedito, Ana Ferreira de França (Veinha), com quem teve sete filhos, sendo 2 homens: Benedito (Bené) e Benedito (Ditinho), e 5 mulheres: Benedita, Geralda, Gorete, Jacinta e Lúcia.

Conhece-se mais sobre um político a partir de seus atos e ações ou depois de sua morte. A princípio, o herói é quem faz o que tem de fazer com amor, humildade e respeito ao seu semelhante, sem se preocupar com as consequências de seus atos humanitários, se não sagrados pelo menos consagrados a fazer o bem a quem dele precisasse. Era assim que Chico Né procedia, mostrando que vencedor é aquele que caminha na estrada da vida sem pisar em ninguém. Ao demonstrar com gestos e ações que o bom não é ser importante, mas o mais importante é ser bom, seu coração era repleto de virtudes e de amor ao próximo, vivendo para servir e servia para viver.

Segundo às tradições católicas, quando se apadrinha uma criança, na falta de seus pais, os padrinhos assumem os cuidados com a criança no lugar dos genitores. Numa terra devastada pela calamidade das secas inclementes, por amizade e por amor ao próximo, Chico Né apadrinhou a muitas crianças. Por vezes, além da religiosidade e da imensa honra que seria tê-lo como compadre, os pais o tomavam por padrinho de seus filhos para facilitar o sepultamento de quem viesse a perecer por inanição. Tempos difíceis eram aqueles. Porém, Chico Né dizia que conhecia e lembrava de cada um de seus afilhados, além de suas histórias, fossem eles vivos ou já falecidos. E, olha que não eram poucos.

Sob o apotegma de que o trabalho dignifica o homem, Chico Né era um homem digno, honrado e honesto ao extremo. Era um ser humano completo no mais real sentido da palavra. Estabeleceu uma pequena Bodega na Rua João Dantas de Assis no Centro da cidade de Paulista, em um prédio pertencente a seu pai, Seu Né de França, não para



CÂMARA MUNICIPAL DE PAULISTA
PRAÇA CÂNDIDO DE ASSIS QUEIROGA, Nº 30, TÉRREO,
BAIRRO PREFEITO DEROSSE BARBOSA DE ALMEIDA, PAULISTA – PB
CNPJ: 02.311.522/0001-30

enriquecer no ramo do comércio, mas para ajudar aqueles que mais precisassem. As mercadorias eram, geralmente, gêneros alimentícios básicos adquiridos para serem fornecidos aos agricultores de acordo com os recursos financeiros de Chico Né. E, nesse prédio, havia três cômodos: No 1º ficava a Bodega de Chico Né; no 2º, funcionava a venda de café de dona Hermilina Bananeira e, no 3º, funcionava a venda de fumo de rolo de Chico Seridó. De qualquer forma, aquela velha bodega funcionava como ponto de encontro de muitos que iam para a feira livre no domingo, para assistir à missa dominical na Igreja Matriz de São José ou para quaisquer outras atividades, recreativas ou não. Claro que, dentre essas “atividades recreativas”, a bodega de Chico Né, que era incentivador da cultura, transformava-se numa espécie de palco onde pessoas declamavam poesias, contavam piadas e os “causos” ocorridos durante a semana. Contudo, mesmo muito cansado depois da feira, quase como um ato religioso, Chico Né sempre visitava seus pais, Seu Né de França e Dona Telinha, onde jantava para poder seguir viagem para sua casa no Sítio Jenipapeiro.

À época, a maioria dos “fregueses” da Bodega de Chico Né eram pequenos agricultores de subsistência que viviam abaixo da linha de pobreza e o procuravam para que ele fosse em seu socorro. Foram décadas de extrema necessidade famélica quando grande parcela da população do nosso Município passava fome, simplesmente, por não ter o mínimo necessário para sobreviver com dignidade. Nesse ínterim, Chico Né era uma centelha de Esperança para muitos, sendo que algumas pessoas somente pagavam a dívida contraída ao longo do ano ou, apenas, parte dela, ou não pagavam, na safra do algodão. Entretanto, se não houvesse safra de algodão naquele determinado ano, o que acontecia com frequência, as chamadas “contas” ficavam para a safra seguinte ou para quando “se Deus quiser”. Mas, Chico Né era homem de fibra, resiliente, cumpridor de seus deveres e defensor dos mais necessitados que não os abandonaria, jamais.

Como não era fácil para ninguém, ele comprava medicamentos fiados a seu grande amigo, Raimundo Dantas de Souza (Seu Mundinho da Farmácia Frei Damião) para, também, pagar no final do ano com a safra do algodão. Destarte, não eram apenas medicamentos e gêneros alimentícios que Chico Né fornecia aos mais carentes apenas com o intuito de ajudar aos que tinham menos que ele ou que nada tinham na vida, nem mesmo esperança: Fornecia ferramentas e insumos agrícolas aos agricultores mais pobres, além de, muitas vezes, doar material didático/escolar aos filhos desses sobreviventes das secas que aspiravam uma qualificação profissional em busca de uma vida melhor. Até mesmo comprou uma pequena faixa de terra em cima da Serra do Olho D'Água e a cedeu para um amigo necessitado trabalhar e sustentar a família com o mínimo de dignidade. A forma de pagamento seria em troca de serviço prestado nas capoeiras de algodão de Chico Né, de acordo com a disponibilidade desse seu amigo.



**CÂMARA MUNICIPAL DE PAULISTA
PRAÇA CÂNDIDO DE ASSIS QUEIROGA, Nº 30, TÉRREO,
BAIRRO PREFEITO DEROSSE BARBOSA DE ALMEIDA, PAULISTA – PB
CNPJ: 02.311.522/0001-30**

Chico Né trabalhava em terras próprias, herdadas do pai, Seu Né de França que, ainda em vida, dividiu as terras que possuía com os filhos. Contudo, como as terras agricultáveis já eram insuficientes, Chico Né e sua família passaram a morar nas terras de Joda Carreiro, mais precisamente, no Sítio Jenipapeiro, município de Riacho dos Cavalos/PB. Joda Carreiro era um fazendeiro que possuía boas terras e oferecia melhores condições de trabalho, inclusive, com a utilização do arado com tração animal, da capinadeira de três enxadas, da matraca e da corrente de medição do espaço das plantas, além de insumos e defensivos agrícolas que outros não tinham.

O avanço no desenvolvimento da tecnologia agrícola e exploração de terras mais férteis ajudaram Chico Né a ser um dos maiores produtores de algodão do Sítio Pé da Serra e região, se não o maior, isso em relação aos agricultores de subsistência, durante o período conhecido como “Ciclo do Algodão” que, devido à sua valorização, era chamado de “Ouro Branco”. Chico Né fazia esse deslocamento quando era preciso fazer a “rotação de cultura” para que a terra já muito cultivada se recuperasse e voltasse a ser produtiva.

É trivial dizer que apenas poucos agricultores possuíam a capinadeira com tração animal, a matraca e a corrente de marcação. O método de trabalho mais utilizado em nossa região era o “Trabalho Braçal”, “puxando cobra para os pés”, como se falava por essas bandas. Além disso, desenvolvendo-se as formas de explorar a terra, um meio bastante utilizado foi o chamado “Adjunto” ou “Mutirão”: Os trabalhadores - que seriam familiares, amigos e demais conhecidos na maioria das vezes - reuniam-se para trabalharem no “Roçado” de quem estivesse precisando primeiro. A forma de pagamento era a “troca de dias de serviço”, ou seja: “Você coça as minhas costas que eu coço as suas”.

O homem nada mais é na vida do que a consciência frágil de um cadáver ambulante que, desta vida, nada leva. Aliás, somente o que se leva é o que se deixa e o que se deixa é o exemplo. Destarte, neste interim, sob o axioma de que o homem é o produto do meio e de ser esse mesmo homem um animal político, ao longo de sua existência edificadora, Chico Né foi atraído pela política como ciência do bem comum e, depois, traído pela política como jogo dos blefes e ciência das exigências. Sem mudar sua essência humana, Chico Né sempre praticou a política de forma original, como forma de ajudar as pessoas a sua volta. Portanto, estava envolto por essa atmosfera e sendo parte integrante e decisiva do processo político convencional por intermédio de seu primo e amigo, Benigno Dantas de França, que também fora candidato a vereador e a vice-prefeito em Paulista. Benigno Dantas dizia que Chico Né era mais popular do que ele, com melhores chances de ser eleito vereador e, quiçá, até mesmo prefeito do Município. Nesses termos, as palavras de Benigno Dantas estavam corretas concernentes a Chico Né,



**CÂMARA MUNICIPAL DE PAULISTA
PRAÇA CÂNDIDO DE ASSIS QUEIROGA, Nº 30, TÉRREO,
BAIRRO PREFEITO DEROSSE BARBOSA DE ALMEIDA, PAULISTA – PB
CNPJ: 02.311.522/0001-30**

pois foi ele o primeiro paulistense a conseguir ser eleito vereador por quatro mandatos consecutivos e, também, candidato a prefeito e a vice-prefeito em eleições distintas.

O ilustre defensor dos paulistenses tinha como base eleitoral, principalmente, as comunidades de Pé da Serra e Várzea da Serra onde se concentrava a maior parte das famílias França e Ferreira. No entanto, era votado em todo o município, merecendo destaque, por exemplo, a região do André, comunidade em que Chico Né sempre foi bem votado.

É profícuo salientar que o método de Chico Né pedir votos era, primeiro, ajudando a quem quer que fosse e, depois, ele visitava os seus amigos, afilhados, compadres e eleitores, em geral, andando a pé, principalmente, nas campanhas para o cargo de Vereador. Quando a política partidária nasce não da grandeza do ser humano, mas do que ele tem de pior, a vida pregressa de Chico Né mostra, justamente, o contrário. Ele mesmo dizia que sua esposa era bem mais mulher de político do que ele próprio seria político. E tinha razão, pois estava mais para um Agente Comunitário de Saúde, um Assistente Social, provedor das necessidades alheias, do que para um político comum. A História Política de Paulista mostra que Francisco Gomes Sobrinho, Chico Né, homem de reputação ilibada e caráter irrefutável, era tudo menos um político comum, pois fazia política sem praticar a política convencional, levando solidariedade humana e genuína, além do amor ao próximo, simplesmente, por ele ser quem era: Chico Né.

Fato curioso do domicílio eleitoral é que, àquela época, o hoje município de Mato Grosso/PB pertencia ao município de Jericó e muita gente de lá votava em Paulista e o Mato Grosso era também um reduto eleitoral de Chico Né. Ele também foi Vice-Presidente da Câmara Municipal de Paulista (Biênio: 1962-1963) e Presidente (Biênio: 1973-1974), e disputou os cargos de Prefeito em 1976 e de Vice-Prefeito em 1982, a saber:

Em 1962, Chico Né (UDN), foi eleito vereador em segundo lugar, com 197 votos, apenas 2 votos de diferença do primeiro colocado, Carmo da Cruz.

Em 1966, Chico Né (UDN), foi reeleito vereador com 279 votos, sendo que a diferença para o primeiro colocado, Carmo da Cruz, foi de apenas 1 sufrágio.

Em 1970, Chico Né (UDN), foi novamente reeleito, dessa vez em primeiro lugar com 309 votos.

Em 1973, Chico Né (ARENA), conquista mais uma vez o primeiro lugar para a Câmara Municipal de Paulista com 331 votos. Como o vereador mais bem votado, Chico Né assume a Presidência da Câmara Municipal.



**CÂMARA MUNICIPAL DE PAULISTA
PRAÇA CÂNDIDO DE ASSIS QUEIROGA, Nº 30, TÉRREO,
BAIRRO PREFEITO DEROSSE BARBOSA DE ALMEIDA, PAULISTA – PB
CNPJ: 02.311.522/0001-30**

Em todas as campanhas para o cargo de vereador, Chico Né visitava seus eleitores a pé. Enquanto alguns faziam uso de animais de montaria e até mesmo de automóveis, Chico Né somente viria fazer campanha montado em uma velha bicicleta azul a partir de 1976 em sua candidatura ao cargo de Prefeito de Paulista, além de em 1982 quando se candidatou ao cargo de Vice-Prefeito na chapa encabeçada por Hélio de Araújo Veras. Ainda é profícuo salientar que o cargo de vereador era um cargo honorífico, ou seja: O Vereador exercia suas funções públicas sem receber remuneração pelo serviço prestado.

À época, para tentar conter os supostos “revoltosos” do partido do governo e manter tudo em casa, uma artimanha utilizada pelo Regime Militar foi a Sublegenda Partidária. O partido que recorria à Sublegenda podia apresentar até três nomes para disputar o mesmo cargo. Os votos dos três candidatos eram somados e, se a Sublegenda vencesse nas urnas, o mais votado assumia o posto, mesmo que tivesse obtido menos votos que o candidato principal do partido.

Admoesta-se que Chico Né foi um dos maiores líderes populares de sua época, se não o maior, o que lhe instigou a galgar o sonho de ser o Prefeito de Paulista. Nas eleições seguintes, em 1976, por exemplo, Chico Né embarcou na candidatura a Prefeito, tendo Silvrano Adonias Dantas como seu candidato a vice. O inusitado dessa candidatura de Chico Né é que, enquanto ele percorria todo o Município de Paulista, montado numa velha bicicleta, pedindo votos para sua Chapa: Chico Né/Silvrano, o seu candidato a Vice-Prefeito, Silvrano Adonias Dantas, pedia votos para o candidato da outra chapa: Derosse Barbosa de Almeida. É claro que Chico Né não queria conquistar o poder pelo poder. E, apesar de não ser eleito, foi decisivo para a vitória do candidato e seu grande amigo, Derosse Barbosa de Almeida, que disputava o cargo de Prefeito pelo mesmo partido: ARENA. A soma dos votos de Derosse e de Chico Né foi superior à votação recebida pelos candidatos do bloco adversário, no caso, MDB.

Nas Eleições Municipais de 1982, Chico Né foi candidato a Vice-Prefeito na chapa encabeçada por Hélio de Araújo Veras, ficando em 3º lugar na disputa que tinha 5 candidaturas distintas. Porém, não obtendo êxito nas Eleições Municipais de 1976 nem nas de 1982, o mui honradíssimo Líder Popular, Francisco Gomes Sobrinho, Chico Né, foi, pela força das circunstâncias, compelido a mudar de domicílio com a família para o Estado do Goiás, Centro-Oeste do País, mais precisamente, para a localidade do Ypê, região que fica no entorno de Brasília/DF.

Além de todo o flagelo causado pelos longos períodos de secas calterizantes na região, teve a crise da produção algodoeira, chamada de “Praga do Bicudo”, na década de 1980, que devastou a Cultura do Algodão em todo o Nordeste, não só em Paulista. Todos esses retrocessos contribuíram para tornar o dia 25 de janeiro de 1985 o dia em que muita

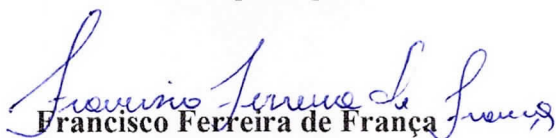


**CÂMARA MUNICIPAL DE PAULISTA
PRAÇA CÂNDIDO DE ASSIS QUEIROGA, Nº 30, TÉRREO,
BAIRRO PREFEITO DEROSSE BARBOSA DE ALMEIDA, PAULISTA – PB
CNPJ: 02.311.522/0001-30**

gente ficou de luto, pura e simplesmente, pela partida de Chico Né para tão distante de sua terra de origem e de sua gente.

A hombridade de Chico Né era tamanha que, já localizado em outra região do País, que não a sua amada terra-natal, ele não mudou a essência de ser humano íntegro, acolhedor e amigo. Todos os habitantes de Paulista e proximidades que fossem em busca de uma vida melhor no Estado do Goiás e que Chico Né tivesse conhecimento, fossem familiares, parentes, amigos ou apenas trabalhadores destas bandas da Paraíba, ele procurava ajudar tanto quanto ou mais ajudava quando era um simples cidadão do Sítio Pé da Serra, filho de Seu Né de França e de Dona Telinha. Lutou em prol de sua gente até o fatídico 15 de março de 2013, data em que veio a óbito por consequência de um Acidente Vascular Cerebral AVC. Mas, não foi o fim de Francisco Gomes Sobrinho, Chico Né, pois passamos a conhecer melhor um político que fez ou que faz a diferença na vida das pessoas a sua volta a partir de suas ações ou depois de sua morte.

Em suma, Chico Né elevou a família GOMES/FRANÇA à categoria de COMUNIDADE da verdadeira prática do amor ao próximo. Por estas e por outras, seu legado e exemplo de vida são motivos de orgulho para cada um de nós, paulistenses.


Francisco Ferreira de França

Presidente da Câmara Municipal de Paulista – PB